

Isabel Nery

A poeta e a cidadã

LUÍS RICARDO DUARTE

Dois anos de investigação, um de escrita, 60 pessoas entrevistadas, vários documentos revelados e muita informação dispersa reunida. Eis as linhas de força da primeira biografia de Sophia de Mello Breyner Andresen, que terá o lançamento amanhã, 9, às 18 e 30, na Fnac Colombo, com apresentação de Nuno Júdice e Miguel Real. É um esforço inédito de síntese de uma vida cheia, como a que Sophia teve, e que procura destacar as várias dimensões do seu percurso: a literária, mas também a cívica. A convite da editora A Esfera dos Livros, Isabel Nery lançou-se para a escrita deste livro como quem parte para uma viagem. Interessou-lhe particularmente os lugares que facilmente associamos à família, às referências e à própria poeta, o que lhe permitiu fazer valer a sua formação jornalística. Da Dinamarca à Grécia, passando por vários pontos de Portugal, este é o retrato de uma mulher e de uma poeta "inteira", que guiou a sua vida pelo primado da "ética".

Vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas, Isabel Nery passou por várias redações, nomeadamente pela VISÃO, onde trabalhou durante 15 anos, com reportagens distinguidas com vários prémios. É autora dos livros *As Prisioneiras e Chorei de Véspera*. Com esta biografia reencontrou-se com uma escritora que começou a ler na infância e a que recorre com regularidade. Em caso de dúvida, lê Sophia.

Jornal de Letras: Como reconhece na introdução a esta biografia, há um mito à volta de Sophia. Foi difícil ultrapassar essa dimensão e chegar à sua vida?

Isabel Nery: Foi uma dificuldade, sim, mas também a parte atrativa e bela de um trabalho como este. A Sophia tinha uma forma muito própria de estar no mundo, era diferente da maioria das pessoas. Durante muito tempo tive a sensação de não estar a chegar ao núcleo da sua vida. Escavava, encontrava novidades, mas não atingia a profundidade que sempre se procura. E no caso de Sophia isso é muito importante.

Porquê?

Porque a sua obra é muito acessível. Não são necessárias mil interpretações para a ler e compreender. Mas a sua simplicidade é apenas aparente. Cada palavra, cada verso, cada ideia remete-nos



Sophia no jardim da casa da Meia-Praia, no Algarve

para um mundo de significações, de grande profundidade.

Com a sua vida passa-se o mesmo? Boas famílias e obra consagrada, quase sugere um percurso linear...

Um dos aspetos que deve ser valorizado na vida de Sophia é ter de certa forma rompido com os que a rodeavam, com a família aristocrata, que vem dos Mello Breyner, e a burguesa, que vem dos Andresen. Poderia ter tido uma vida mais cómoda. No entanto, decidiu pensar pela sua cabeça e batalhar pela Liberdade. É um dos motivos porque a devemos admirar.

Quais foram os momentos de viragem que a conduziram ao núcleo da vida de Sophia?

Identifico dois. Mas antes é preciso esclarecer que esta é acima de tudo uma "reportagem biográfica". Desde o início que ficou absolutamente claro para mim que os lugares teriam uma importância muito grande neste livro, porque também o tiveram para Sophia. Fez assim todo o sentido visitar as muitas

geografias da sua vida e obra. O primeiro momento importante foi justamente a reportagem que fiz em Föhr, na Alemanha, antiga Dinamarca. O meu objetivo era consultar os arquivos para saber mais sobre a origem dos Andresen. E mesmo sabendo que a poeta nunca visitou a ilha, estar lá, conhecer aquela paisagem, falar com habitantes, transmitiu-me a noção de inteireza tão presente na sua postura e pensamento. E a dimensão da oralidade, igualmente importante no seu entendimento da arte e da poesia, também começou ali, na mítica origem nórdica que as histórias de família reproduziam.

E o segundo momento?

A Grécia. É muito conhecida a omnipresença do país e da sua cultura na sua obra. Outra dificuldade é expressá-la de uma forma concreta, acessível a qualquer leitor. Ajudou-me muito a leitura que fiz da obra do padre Manuel Antunes, o que ele escreveu sobre o legado clássico e sobre a Sophia. Mais do

que a paisagem, os momentos, a escultura, a história e a poesia, o que a fascinava era o ideal grego, a poesia como veículo de comunhão entre todos.

Além da experiência desses lugares, que novidades traz esta biografia?

Documentação nunca revelada. Sophia não é uma figura desconhecida, até do público em geral, muito por causa da sua obra infanto-juvenil. A família tem feito um trabalho extraordinário de preservação e divulgação da sua obra e espólio. Fico por isso contente de apresentar algumas novidades. Desde logo, o processo académico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Aí destacam-se a nota de 12 valores de ingresso, o que poucos esperariam.

Mas é coerente com a sua postura, além disso não podemos esquecer que os 12 valores da época não são iguais aos de hoje, pois não havia notas muito altas. Sophia nunca valorizou a vida académica, que



Isabel Nery

Sophia nunca perdeu o rumo. A sua obra é sempre atual, sobretudo nestes tempos atribulados em que vivemos

deixou a meio. Não se identificava com aquele ensino mais formal e rígido. É o seu lado mais humano, longe do mito, o que também encontramos na correspondência que manteve com Jorge de Sena, uma fonte muito preciosa de informações e sentimentos. Como nunca cultivou o texto autobiográfico, só através destas pequenas referências e apontamentos podemos adivinhar a dimensão mais quotidiana da sua vida. Contudo, o que mais valorizo neste livro é ter olhado para tudo.

Houve um forte esforço de síntese?

Sim. Há de facto muita informação sobre Sophia, colóquios e publicações, entrevistas e dados biográficos, embora dispersa, em alguns casos em diferentes países. Tentei reunir tudo. Mas nas novidades acrescentaria ainda o arquivo da PIDE. Apesar de nunca ter sido presa, chegou a ser interrogada. Nesta biografia percebe-se o que realmente se passou. Também há aspetos menos conhecidos do público em geral, como a defesa da Cultura na Assembleia Constituinte ou toda a sua intervenção cívica.

A esses elementos novos acrescentou depoimentos de 60 pessoas. Que imagem retirou da sua biografada?

Fazer uma biografia agora não só fazia sentido por causa do centenário do nascimento, que se celebrará em novembro, mas também pela possibilidade de falar com muitos amigos e familiares que privaram muito com ela. Daqui a 20 ou 30 anos o resultado será seguramente diferente. Desses testemunhos recebi uma imagem quase unânime, o que não facilitou o trabalho, muito respeito e admiração. Ainda assim, forneceram-me informações muito úteis, incluindo vários membros da família. Aliás, um dos momentos mais comovidos desta empreitada foi o que me conduziu à gaveta de madeira onde Sophia, na infância, ensaiou vários tipos de assinaturas. É como se ela estivesse ali, naquelas marcas e em tudo que significam: o embrião de uma assinatura, de um nome, de uma poeta.

Uma das palavras que mais sobressai desta biografia é "ética". De que forma resume a vida de Sophia?

Sophia nunca perdeu o rumo. Os valores do bem comum eram a base da sua ação. E se tudo foi mais simples durante o Estado Novo, o pós-25 de Abril revelou toda a sua coerência. A sua obra é sempre atual, sobretudo nestes tempos atribulados em que vivemos. Ela indica-nos o caminho com clareza e beleza. A poesia está na rua, dizia a propósito da Revolução dos Cravos. Também estive em toda a sua vida. JL



Isabel Nery
**SOPHIA DE
MELLO BREYNER
ANDRESEN**

A Esfera dos Livros, 336 pp,
22 euros